

CÍRCULO DE CULTURA E INSTALAÇÃO PEDAGÓGICA: aprendizagem com sentido emancipador

MARGARITA VICTORIA GOMEZ¹

RESUMO

O presente texto apresenta uma releitura da própria prática educativa com o Círculo de Cultura e a instalação pedagógica como lugar e estratégia de aprendizagem que busca o sentido emancipador na pedagogia da virtualidade. A centralidade do texto escrito está em questão, e outras metodologias de aprendizagem e pesquisa desafiam a educação superior tradicional. As práticas educacionais virtuais, na universidade convencional, interpelam-nos e colocam o desafio de utilizar criticamente as técnicas em contextos controversos. Acredita-se que a universidade que se abre à cultura contemporânea e acolhe a quem a procura encontra na pedagogia da virtualidade orientações metodológicas que permitem a apropriação crítica de tecnológicas digitais. Este trabalho encontra ressonância na proposta temática do IX Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire (Turim, Itália, setembro de 2014), especificamente no tema do Círculo de Cultura do próprio Encontro: *Educação para a emancipação através da arte e da comunicação existencial*. Se quisermos reinventar a universidade tradicional teremos de utilizar no processo de aprendizagem outras orientações teórico-metodológicas, como o Círculo de Cultura presencial e/ou virtual e a rede-instalação que envolve a arte, a mídia e a colaboração.

PALAVRAS-CHAVE

Círculo de Cultura, *cibercultura*, Paulo Freire, pedagogia da virtualidade.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho. Graduada em Ciências da Educação pela Universidade Nacional de Rosário, Argentina, com mestrado em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) na seguinte área de concentração: Cultura, Organização e Educação. Líder do Grupo de Pesquisa-Educação em rede: cultura, ciência, tecnologia e formação (Gruprede-CNPq). Contato: marvict@gmail.com

ABSTRACT

This paper presents a re-reading of the educational practice itself having the Cultural Circle and the pedagogical installation as learning strategy place, which aims the emancipatory sense in the pedagogy of virtuality. The centrality of the written text is an issue and other learning methodologies as well as research have challenged the traditional high education. The virtual educational practices, found in conventional universities, have challenged and queried us greatly about the critical use of techniques in controversial contexts. It is believed that the university, which is open to contemporary culture, and welcome whom looks for it turns out to be aware of methodological guidelines in the pedagogy of virtuality that allows the critical appropriation of digital technologies. This research find a resonance in the theme proposed in IX International Meeting of Paulo Freire Forum (Torino, Italy, September 2014), particularly in the Cultural Circle of the meeting itself: Education for emancipation through existential art and communication. If we wish, reinvent the traditional university we have to use other theoretical and methodological orientations in the learning process in both virtual and face-to-face cultural circles as well as the network installation that involve art, media and cooperation.

KEYWORDS

Cultural Circle, cyberculture, Paulo Freire, pedagogy of virtuality.

INTRODUÇÃO

Professores, acadêmicos e cientistas, cada vez mais, apropriam-se das mudanças ocorridas no cenário cultural, tecnológico, social e político nas suas práticas. Essas apropriações e até as eventuais resistências passam a fazer parte da educação, que se utiliza da arte, da mídia e da aprendizagem colaborativa como uma opção por quem busca na sensibilidade e no compromisso interiorizar os artefatos culturais da época e assim reinventar e democratizar a educação.

Nesse sentido, a contribuição das diversas áreas de conhecimento pode convergir na cidadania planetária. No âmbito universitário, é repensada a *cibercultura*, e o desafio é reinventar Paulo Freire, compromisso do próprio grupo de pesquisa, hoje, assumido por alguns artistas, pesquisadores, universidades, agências de fomento, editoras de publicações científicas, movimentos sociais e organismos profissionais, que acreditam em uma proposta pedagógica transformadora e no Círculo de Cultura como sendo propício para o encontro, a produção, a pesquisa e a aprendizagem no ciberespaço.

O ciberespaço é um conceito anterior ao de *cibercultura* e é procedente do uso de redes de computação, da comunicação por meio da internet:

Do inglês cyberspace (c. 1985) "id.", de cybernetic "cibernético" = space "espaço" e do ciber. como antepositivo, do ing. Cybernetics (1948) <gr. kubernetes piloto, dirigente (ver govern-); ocorre em empréstimo do inglês, além dos neologismos formatados no português cibernauta, cybercafé, ciberpirataria. Kubernete do gr. (tekhne) "a arte de pilotagem", antepassado da neologia do SXX cibernética (WIENER, N.), ciência da regulação. Envolve conceitos de cibernética e de governo (Gomez apud HOUAISS, 2001, s.p.).

Pierre Lévy, sociólogo e filósofo da *cibercultura*, afirma que:

A palavra "ciberespaço" foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica Neuromante. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. [...] O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores de redes digitais (LÉVY, 2000, p. 92).

Lévy ainda afirma:

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos [...], na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois

ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço (idem, ibidem).

Nessa perspectiva, Gomez (2014) entende que a *cibercultura* é produto do intercâmbio no ciberespaço entre a sociedade, a cultura e as tecnologias eletrônicas de informação e telecomunicações, que estão gerando uma nova geopolítica do conhecimento. O conhecimento ubíquo e *omnilateral* além da uni e bilateralidade implica a produção do homem em convivência social, presente em todo e qualquer lugar pelo uso da rede digital.

Conhecimento que precede e produz a inteligência coletiva, no dizer de Pierre Lévy, aquela “distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 1998, p. 28).

As competências conceituais específicas e políticas do que, para que, com quem, a favor e contra o que, entre outros, no sentido freiriano, gera esse movimento que utiliza das tecnologias digitais para ofertar cursos a pessoas que estão distantes dos centros urbanos, procurando desconcentrar e irradiar a oferta, desterritorializando as atividades das universidades. Desterritorialização essa que implica levar o professor, a sala de aula, os métodos adequados, para o espaço virtual, com a cultura, desejos, saberes e expectativas dos participantes.

A oferta de formação profissional, de bibliotecas e bases de dados em espaços virtuais para educação e pesquisas abre a ciência às necessidades das pessoas. A universidade encontra uma possibilidade única de se reinventar com o livre acesso das pessoas, dos dados, de metodologias, experiências e artigos científicos provenientes das diversas áreas do conhecimento.

Nesse fluxo de Temas Geradores, o próprio trabalho, em que são retomados os conceitos de *ciberespaço*, *cibercultura*, *virtualidade* e *pedagogia*, encontra ressonância na temática geral do IX Encontro Caminhos de Emancipação para Além da Crise – Resgatando Temas Geradores do Pensamento Educativo e Social de Paulo Freire. A *cibercultura* conecta as máquinas e as pessoas, formando comunidades de aprendizagem e a inteligência coletiva em torno dos temas e contextos geradores.

Com isso, assumimos a nossa contemporaneidade trabalhando com o que há de mais atual e desafiador – educar com diversos artefatos culturais da época. A produção se deixa circular na rede com atividades de pessoas que localmente abrem, pela internet, suas experiências. Por exemplo, no Seminário Internacional Paulo Freire e a Educação Superior (São Paulo, novembro de 2013), abriram-se, pela internet, os trabalhos para outros que estavam distantes do local da sua realização.

E essa prática educacional encontra respaldo na pedagogia da virtualidade, que propõe como estratégia o Círculo de Cultura digital e a rede-instalação pedagógica rizomática. O conceito de *rizoma* (DELEUZE; GUATTARI, 1983) é compreendido com base nos princípios de conexão e heterogeneidade, na consistência das multiplicidades que produzem, na rede educacional que se expande concertando as rupturas por meio do diálogo, com significado e significação entre diferentes pessoas e saberes.

Freire dizia que se “a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”, e notamos que o Círculo de Cultura muda as pessoas, porque elas aprendem nesse espaço educativo, em que o diálogo e a comunicação as constituem como gente.

Como teoria da educação, a pedagogia é que nos permite optar pelo sujeito, conhecimento, ciência e sociedade com/pela qual trabalhar. E, em tempo de espera ativa, continua-se, no espaço virtual, um trabalho educativo que se expande, conectando a diversidade e a heterogeneidade e com isso amplificando e/ou mudando os desafios de comunicação e diálogo. Gera-se uma *cibercultura* sustentada no acolhimento de uma exigência radical: “Ninguém pode ser proibindo que os outros sejam”.

Esse desafio de educar na diversidade também é acolhido pela pedagogia da virtualidade (GOMEZ, 2004), que, especificamente, encontra nos princípios da educação popular, no conceito de *rizoma* e de *sujeito da práxis* seus vínculos de sustentação para se expandir em uma educação emancipadora. O *rizoma* é anti-genealogia e procede por vínculos e relações, aceitando a alteridade. Assim como o Círculo de Cultura funciona pelo “e” e não pelo “ou”, há uma certa alternância e modulações na expansão em rede, que permite que as pessoas, ao problematizar o tempo-espaço contemporâneo e a intimidade, com eles se tornem participantes: “Os homens do povo que tomaram parte nos Círculos de Cultura fazem-se cidadãos politicamente ativos ou, pelo menos, politicamente disponíveis para a participação democrática” (FREIRE, 1999 [1967], p. 26)

No dizer de Freire (idem, p. 49), não é possível reduzir o espaço a um hoje permanente; há uma temporalização, e quando ocorre “essa imersão no tempo, libertando-se da unidimensionalidade, discernindo-a, suas relações com o mundo se impregnam de um sentido consequente”. O homem “interferidor”, no sentido que Freire lhe dá, não se permite ser um simples espectador:

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem [e a mulher] num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura (FREIRE, 1999 [1967], p. 49)

Ao lançar-se no domínio da *cibercultura* e das redes sociais, os estudantes e professores também fazem História, desterritorializam as expressões artísticas, as quais operaram transversalmente no interior da educação para o encontro acontecer, o que é condizente com as preocupações temáticas do Grupo de Pesquisa-Educação em rede: cultura, ciência, tecnologia e formação (Gruprede), registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O Gruprede-CNPq, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação e Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Uninove), tem como prática, respeitando a trajetória de seus membros, organizar e se organizar em

torno de Círculos de Cultura digital, tomando como base os princípios da educação popular de Paulo Freire e também os princípios da pedagogia da virtualidade.

Pelos princípios da educação popular, assume-se a radicalidade da educação como comunicação e diálogo, com base no momento em que ela não é neutra; é feita práxis pelo sujeito que faz e se refaz nas suas práticas; a cultura do silêncio, em que achamos elementos para a transformação com base na pronúncia do mundo; a metodologia dialógica, que necessariamente vai proceder a organização dos participantes, da relação do texto com o contexto social e acadêmico. O ato de ler a realidade para sistematizá-la e com base nela trabalhar é possível porque ao tomar distância da prática educacional concreta podemos conhecê-la, codificá-la e voltar a ela para transformá-la e transformarmo-nos.

Esses princípios foram, de certa maneira, destacados no círculo realizado durante o Seminário Internacional de Educação Paulo Freire e a Educação Superior (2013), referido anteriormente, que foi antecedido e procedido por outros similares em diversas instituições: nos fóruns sociais mundiais, na Universidade de Guadalajara (México, julho de 2014), no IX Fórum Paulo Freire (2014), bem como tantos outros realizados nas disciplinas por nós ministradas.

Foi no encontro Caminhos de Emancipação para Além da Crise (2014) que achamos terreno temático fértil para também desenvolver os Temas Geradores “arte, mídia e educação”, com base em: Roberto Manzini com o Teatro do oprimido; Paulo Roberto Padilha com o ritmo musical; Gisella Vismara com as belas artes; Ilse Shimpf com o poder da palavra; entre outros, que permitiram uma experiência de intergerações com uso de multimídias, sendo o próprio corpo um suporte da expressão artística.

A educação emancipatória por meio da arte e da comunicação existencial nos permitiu retomar trabalhos anteriores e projetar futuros, como mais uma oportunidade de reinventar o legado de Paulo Freire na *cibercultura*. A busca por um espaço favorecedor de diálogos e debates intergeracionais confirmou a dimensão subjetiva, cognoscitiva, ética, estética e política da educação. Confirmou, também, o nosso compromisso com o ensino, a pesquisa, a extensão e a difusão universitárias sustentadas na sensibilidade e solidariedade que nos incentivam a buscar diálogos com os setores populares, da educação básica e superior, imprescindíveis na educação democrática.

O diálogo entre o mundo social e a educação nos interpela: se não é política, o que a educação é?

A premissa é de que o Círculo de Cultura presencial ou virtual é uma possibilidade para a educação superior se reinventar em prol da cidadania com base nas competências conceituais e políticas. No Círculo:

Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o coordenador de debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado (FREIRE, 1999 [1967], p. 111).

Na sociedade da informação e do conhecimento, dominada pela média mercadológica, a educação com utilização do Círculo, da arte e da comunicação existencial é a possibilidade para a emancipação de práticas educacionais que parecem desconexas e acham ressonância em nossa proposta.

A pedagogia da virtualidade encontra ressonância, por sua vez, na teoria do conhecimento proposta por Freire, na qual ressoa a voz de um mestre analfabeto: “A democratização da cultura tem de partir do que somos e do que fazemos como povo. Não do que pensem e queiram alguns para nós” (FREIRE, 1999 [1967], p. 150).

EDUCAÇÃO SUPERIOR COM AMPLA PARTICIPAÇÃO POPULAR

A premissa principal desta proposta é a de que, nas instituições culturais e acadêmicas, é indispensável um debate acerca da presença de práticas com arte, mídia e aprendizagem na *cibercultura* que contribua para dar-lhes sentido com uma visão crítica emancipatória.

A educação superior que já está ocorrendo com ampla participação popular nos permite outra premissa, a de que é possível realizá-la com uso das tecnologias contemporâneas, visando à emancipação sem necessidade de levar os grupos à competição desmedida por um emprego, um lugar e reconhecimento social, por *status* ou posição que afete o diálogo, a confiança, a amizade e, definitivamente, a autonomia.

A finalidade e os objetivos do nosso trabalho com o Círculo de Cultura e a instalação pedagógica no contexto da pedagogia da virtualidade são dar continuidade ao trabalho de Freire, e dos amigos da sua época, no contexto da educação superior de maneira que nos permita reinventá-lo na *cibercultura*, objetivando uma universidade popular crítica. Isso implica reconhecer e reafirmar a própria trajetória e experiência com os Círculos de Cultura iniciadas em diversas comunidades educacionais, nos fóruns Paulo Freire, nos círculos realizados no Fórum Social Mundial e nas disciplinas presenciais e virtuais por nós ofertadas.

TEMAS DE ÉPOCA: ARTE, MÍDIA, COMUNICAÇÃO E VIRTUALIDADE

O tema “Educação para a emancipação através da arte e da comunicação existencial” abre questionamentos com base nos quais construímos possibilidades para dar consistência ao Círculo com o assunto “Paulo Freire, arte, mídia e aprendizagem na educação superior”. Os temas de época ou “epocais”, no dizer de Paulo Freire, colocam-nos ante o desafio de trabalhar em uma sociedade midiaticizada, que mostra valores educacionais controversos valendo-se das diversas tecnologias.

Na “sociedade fechada”, temas como democracia, participação popular, liberdade, propriedade, autoridade, educação e muitos outros, de que decorriam tarefas específicas, tinham uma tônica e uma significação que já não satisfazem à sociedade em trânsito (FREIRE, 1999 [1967], p. 55)

Esses temas que na sociedade fechada estavam silenciados, na sociedade interconectada se vigoram. Também, a oralidade, relegada sempre a segundo plano, retorna pelas redes sociais, com protagonismo e autoria:

É preciso aprender a ouvir. Nesse sentido, ao invés de um tripé, teríamos de fato cinco eixos: ler, escrever, contar, ouvir e falar. Educar para ouvir é educar para intervir, para se posicionar. Sempre insistimos que a categoria pedagógica por excelência é a decisão. Afinal o que é a conscientização senão levar a decidir-se? (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1995, p. 90).

A nossa unidade epocal: virtualidade e educação são uma temática ampla, mas feita das multiplicidades que convergem na atualidade do ato educativo.

A unidade categorial, conforme Romão (2006), constitui uma espécie de visão de mundo, isto é, um todo ideológico relativamente autônomo, no interior de uma cosmovisão classista. Desse modo, ela comporta unidades menores que seriam os Temas Geradores.

Na atualidade educacional, as temáticas de educação popular, redes e mídia – práticas educacionais e *software* livre; educação, ciência, linguagens, códigos e arte; cidadania, linguagem, ética e estética; educação e *cibercultura*; políticas e ações; pedagogia da virtualidade – têm sido as geradoras de debates e outras construções teórico-práticas. As práticas educativas no ciberespaço despertam a curiosidade e a sensibilidade para a criação em torno de comunicações existenciais.

O CÍRCULO DE CULTURA: UMA OPÇÃO PEDAGÓGICA

Na dinâmica do Círculo de Cultura, são construídos os momentos entre os participantes: primeiramente, permite circular as experiências, expectativas, perguntas, assertivas entre os participantes de uma ou diversas comunidades e/ou instituições. No segundo momento, na organização dos Círculos, entram os interesses e interessados em compartilhar seus trabalhos; já no momento do registro no Círculo, o participante procura os eixos temáticos no qual quer trabalhar. No círculo, propriamente dito, cada um se identifica, apresenta seu trabalho e, em seguida, é aberto o debate. As reflexões realizadas e compartilhadas são argumentadas, debatidas e sistematizadas em saberes novos. Os relatores de cada Círculo têm um papel importante na hora de colocar a escuta em escrita e na expressão oral novamente. Os relatores assumem o compromisso de relatar aspectos das trocas e intervenções, o que é indispensável para avançar nos temas discutidos com o coordenador geral.

Em um momento posterior, apresenta-se o relatório do Círculo com o consenso dos participantes, que de certa maneira legitimam uma rede de comunicação, diálogo e aprendizagem, que não terminará nesse Círculo, pois ela se expandirá pela rede.

A proposta de Círculo de Cultura na educação superior gera um espaço de trabalho em círculo com não mais de 15 pessoas cada, conforme a proposta, e

é possível a construção colaborativa do conhecimento. Nos Círculos de Cultura, os eixos temáticos permitem que cada participante possa optar por um tema de seu interesse. Conforme a orientação de Freire, e da própria experiência, na dinâmica realiza-se a recepção e as boas-vindas, o acolhimento dos participantes e a apresentação do modo de funcionamento do Círculo, bem como a apresentação codificada da temática por parte dos pesquisadores, o levantamento dos Temas Geradores e a realização de inscrições de participantes para novas contribuições no debate e posteriores encaminhamentos.

Isso também pode ocorrer no virtual. Desse modo, durante a primeira sessão de cada Círculo, será feita a Leitura do Mundo, isto é, a codificação – seja por meio de áudio, imagem, texto, vídeo ou outras formas – em que serão destacadas as particularidades das contribuições. O coordenador ou a comissão organizadora redigirá um relatório geral, de maneira sistematizada, para inseri-las no relatório final a ser apresentado e discutido no momento seguinte, em que se elaborará o texto multimídia final. Mas é claro, a dinâmica vai depender dos participantes, que se organizam e definem a metodologia.

Uma contribuição inicial, por exemplo, um resumo expandido, poderá ser o provocador do diálogo. Disponibilizado previamente para os participantes lerem, seja presencialmente ou por meio da internet. No *site/blog* <www.pedagogiadavirtualidade.net.br>, fizemos a experiência de iniciar o Círculo apresentando as expectativas e realizando a leitura de textos específicos para o debate. Ademais, o participante poderá comentar e deixar críticas, comentários e sugestões. Durante o encontro presencial, concomitantemente, poderá ser realizado o Círculo de Cultura virtual. A riqueza da hipertextualidade compõe outra filosofia para educação, o que indubitavelmente muda a prática educativa e o ser/estar docente.

CÍRCULO DE CULTURA VIRTUAL

O Círculo de Cultura, como o quintal da infância de Paulo Freire, desdobra-se em outros espaços, não necessariamente outros quintais. Em encontros anteriores realizados, revisitamos algumas experiências, entre elas a da Universidade Federal de Viçosa, onde se utilizaram da ideia de instalação pedagógica presencial. Essa experiência sistematizada em texto considera que:

As Instalações Pedagógicas são o lugar privilegiado de intercâmbio entre a sabedoria popular e o saber universitário [...]. Tomamos a perspectiva de Instalação Pedagógica como uma ambiência composta por elementos da realidade, suscitadores de problematização e reflexão. Uma Instalação Pedagógica guarda semelhanças com uma instalação artística em sua dimensão estética, na multiplicidade de “suportes” utilizados e na espacialização que monta e desmonta conforme o contexto em que se insere. Além disso, promove um despertar de sensibilidades a serem re-simbolizadas e interdisciplinarizadas com base na interpretação dia-

logada de “leigos”. [...] A experimentação das Instalações Pedagógicas advém dos programas de formação dos trabalhadores que a CUT e suas Escolas Sindicais inauguraram nos anos 1980 e 1990. Podemos ter como referência a “realha” utilizada em algumas classes de educação infantil (ALVES et al., 2011, p. 11).

A nossa proposta virtual, agora, abrange uma população global que participa utilizando as redes sociais. O Círculo/Rede-Instalação é uma das práticas educacionais realizadas por nós na convergência da arte, da comunicação e do diálogo. A participação por meio dos dispositivos da internet possibilita discutir as temáticas com uso das linguagens oral, escrita, visual, pictográficas, um tipo de ideografia dinâmica que no dizer de Pierre Lévy:

[...] não é um sistema enciclopédico universal centralizado, ativado por um pequeno número de criadores. É um conjunto de microdicionários locais, cada qual sendo produzido, constantemente atualizado e re-elaborado pelos enunciadores nativos (LÉVY, 1998, p. 181-182).

No interior desses conceitos de Lévy, identificamos o menino conectivo:

A minha experiência de menino, a que me refiro dizendo que eu fui um menino conectivo, quer dizer uma espécie de conjunção entre os meninos de classe média (como eu) e os meninos camponeses, obreiros urbanos, que foram meus companheiros. Eu ligava uns aos outros (FREIRE, 2000, p. 281).

Conectar e relacionar uns com outros é uma das particularidades do Círculo de Cultura virtual; provoca o “menino” a fazer as suas conexões, a expandir-se, a ser ele e outros na relação. É uma brincadeira, é um “enunciado nativo”, é um jogo, é um fazer de conta e um fazer-se sujeito permanentemente.

O Círculo vai além da sala de aula, do pátio, do auditório, da biblioteca, como ocorreu em Turim, ocupa o ciberespaço. Quando ocorre também no espaço virtual, como o desenvolvido durante o Seminário Internacional de Educação Paulo Freire e a Educação Superior ou no Memorial da América Latina/Uninove, o uso de um *blog* é interessante (<<http://pedagogiadavirtualidade.wordpress.com/>>), pois, conectado a redes sociais e à *webradio*, pode expandir o presencial muito mais. É importante trabalhar o conceito de presença como o ter consciência do feito, como foi no caso do Círculo de Cultura Paulo Freire: Arte, Mídia e Educação (2014), realizado no Memorial, no qual participaram educadores de Itália, México, Venezuela e de diferentes partes do Brasil por meio de videoconferências, registrados em TV e *webradio*.

O sistema de videoconferência que utilizamos hoje na universidade utiliza *software* específico, câmara de vídeo, áudio, microfone de captação de áudio ambiente e sistema de gerenciamento de conexões com suporte a vídeo. Ainda,

usam-se os projetores instalados de maneira que os participantes se vejam e se escutem. A imagem e o áudio ainda podem contar com saída externa, para outros ambientes da universidade e participação remota à distância. Ou seja, assim como usamos a videoconferência, usamos *webradio*, *artedigital*, TV, *streaming*, modos e tipos de comunicação diferenciados que nos interpelam a continuar avançando com esses usos tecnológicos, mas especialmente em propostas metodológicas, e revisitar a pedagogia da virtualidade pode contribuir para compreender a educação no espaço virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas experiências do Gruprede, sejam na universidade, nas comunidades, nos fóruns sociais, nos fóruns Paulo Freire, na Biblioteca Latino-Americana ou na Galeria Marta Traba, atualizaram Paulo Freire na Barra Funda tendo por base a Barra Funda, bairro no qual trabalhamos em São Paulo, Brasil. No entanto, foi na Itália que uma versão do círculo, vinculado ao IX Incontro Internazionale del Forum Paulo Freire, encontrou os *caminhos de emancipação para além da crise*. E foi retomando Temas Geradores do pensamento educativo e social de Paulo Freire que a *cibercultura* e a virtualidade encontraram espaço e ressonância ao notar que o Círculo realizado conectou os dispositivos digitais, as pessoas, as ideias que defendemos ou contestamos, fortalecendo uma comunidade de aprendizagem e a inteligência coletiva.

O mundo vertiginoso, cheio de informações e conteúdo, não nos paralisa, desafia-nos a continuar trabalhando em um contexto cada vez mais complexo para reinventar uma universidade cada vez mais instrumental ao mercado. Certamente, consideramos que o Círculo de Cultura é uma estratégia metodológica que gera vínculos, deixa circular. Por não ser uma técnica pronta para ser aplicada, no contexto do ensino, da pesquisa e da intervenção, permite obter, organizar, tematizar, problematizar saberes e conhecimentos, mobilizar os sujeitos para a ação conscientizadora e transformadora. O Círculo de Cultura, na perspectiva da pedagogia da virtualidade, cada vez mais, pode se tornar um dispositivo metodológico emancipador no contexto de um sistema universitário que se distancia da população ou massifica a oferta.

As propostas educativas universitárias, que acolhem os saberes populares nos Círculos de Cultura, remetem-nos a uma compreensão dialética da educação, pois assumem-na como uma opção política.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luis C.; MÂNCIO, Antônio Bento; BARBOSA, Willer B.; CARDOSO, Irene; JUCKSCH, Ivo; COELHO, Edgar Pereira; SANTOS, Marcelo L. (orgs.). *Troca de saberes: Flores das sombras da agroecologia*. 1ª ed. Viçosa: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Rizoma*. México: Premia, 1983.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999 [1967].

_____. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. "Relatório do Seminário Regional de Pernambuco em 1958. 3ª Comissão". In: FÁVERO, O. *Contribuição de Paulo Freire à educação popular e aos movimentos sociais*. Recife: VII Colóquio Paulo Freire, 2010 (*mimeo*).

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia, diálogo e conflito*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GOMEZ, Margarita Victoria. *Educação em rede: uma visão emancipadora*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. "Ciberespaço, cibercultura e a universidade virtual". In: BELTRÁN, J.; TEODORO Antônio. (orgs.). *Sumando voces. Ensayos sobre Educación Superior en términos de Igualdad e Inclusión Social*. 1ª ed. Buenos Aires: Miño & Dávila, 2014 (vol. 1), p. 1-16.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LÉVY, P. *Ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Cibercultura*. Trad. de Irineu da Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000. PEDAGOGIA da virtualidade. *Círculo de Cultura Paulo Freire: Arte, mídia e educação*, 2014. Disponível em: <<http://pedagogiadavirtualidade.wordpress.com/2014/09/30/circulo-de-cultura-paulo-freire-arte-midia-e-educacao-3/>>.

ROMÃO, José Eustáquio et al. "Círculo epistemológico: Círculo de Cultura como metodologia de pesquisa". In: *Educação e Linguagem: Globalização*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.